



ARCADISMO NO BRASIL

No Brasil, o Arcadismo compreende um período marcado pelas lutas pela independência, influenciadas pelos ideais iluministas, sendo o principal movimento de independência a Inconfidência Mineira, da qual participaram os dois principais poetas árcades brasileiros. Sendo assim, o Arcadismo é a última escola literária da fase colonial da história do Brasil.



Jornada dos Mártires, de Antônio Pereira, a obra retrata a passagem, em Matias Barbosa, dos inconfidentes presos.

Os principais autores do Arcadismo no Brasil são Basílio da Gama, Santa Rita Durão, Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga - sendo os dois últimos os mais importantes. Tanto Durão quanto Basílio da Gama escreveram poemas épicos.

Santa Rita Durão seguiu à risca os princípios e clichês do Arcadismo europeu, sendo autor de “Caramuru - Poema Épico do Descobrimento da Bahia”. Esta obra tem inspiração em “Os Lusíadas”, sendo também dividida em dez cantos. Já “Uruguai”, de Basílio da Gama, reflete os ideais iluministas ao criticar os jesuítas. Esta obra foi escrita sem a divisão rígida das epopeias, com estrofes de tamanhos variados. As duas obras apresentam alguns elementos pré-românticos, como a narração da História do Brasil e presença de elementos da natureza brasileira.



CLÁUDIO MANUEL DA COSTA

Foi a publicação de uma obra de Cláudio Manuel da Costa que deu início ao Arcadismo no Brasil em 1768. Usando o pseudônimo Glauceste Satúrnio, o autor ainda apresenta em suas obras alguns resquícios do Barroco - como o uso dos hipérbatos e das antíteses para exprimir conflito - mas também condena o Cultismo, o estilo literário que apresenta um texto muito prolixo e de difícil leitura.

Criador da Arcádia Ultramarina, uma versão brasileira da Arcádia Lusitana, Cláudio escreveu muitos sonetos, inspirado pela tradição de Camões, e neles trata de amor não correspondido e da vida no campo, com a presença constante da pastora Nise, musa do eu-lírico.



Claudio Manuel da Costa

Quando cheios de gosto, e de alegria
Estes campos diviso florescentes,
Então me vêm as lágrimas ardentes
Com mais ânsia, mais dor, mais agonia.

Aquele mesmo objeto, que desvia
Do humano peito as mágoas inclementes,
Esse mesmo em imagens diferentes
Toda a minha tristeza desafia.

Se das flores a bela contextura
Esmalta o campo na melhor fragrância,
Para dar uma ideia da ventura;

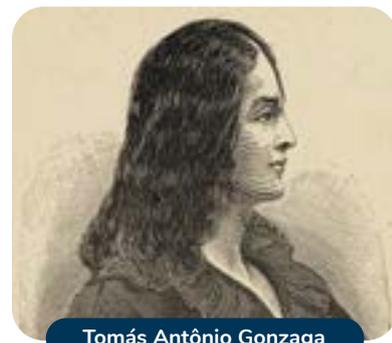
Como, ó Céus, para os ver terei constância,
Se cada flor me lembra a formosura
Da bela causadora de minha ânsia?

Outra parte de sua obra tem tendências pré-românticas, com poemas demonstrando sentimentos de solidão e melancolia, além de conflitos entre o rústico e o civilizado.

TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA

Tomás Antônio Gonzaga nasceu em Portugal, filho de pai brasileiro e, após formar-se em Coimbra, veio viver em Vila Rica, atual Ouro Preto. Respeitando as convenções do Arcadismo, Tomás escreve, sob o pseudônimo Dirceu, versos simples em tom prosaico, com o fingimento poético que se espera dos autores desta escola.

Sua principal obra árcade é “As Liras de Marília de Dirceu”, cujos versos podem ser divididos em duas partes:



Tomás Antônio Gonzaga



- ▶ A primeira parte é convencionalmente **neoclássica**. Nela, são narrados o noivado e a relação dos namorados, bem como seus projetos de vida futuros, sempre num tom otimista. A natureza presente é a do *locus amoenus* defendida pelo Arcadismo, como pode ser observado neste trecho:

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado;
De tosco trato, d' expressões grosseiro,
Dos frios gelos, e dos sóis queimado.
Tenho próprio casal, e nele assisto;
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
E mais as finas lãs, de que me visto.
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

- ▶ A segunda parte pode ser classificada como **pré-romântica**. Seu tom é pessimista, uma vez que esta parte foi escrita quando Tomás Antônio Gonzaga foi mandado para o exílio, após a Inconfidência Mineira. O eu-lírico exprime desesperança e revolta com a injustiça. A natureza presente lembra muito aquela do local que Tomás teve de deixar: a natureza rústica de Vila Rica.

Outra obra importante do autor é “Cartas Chilenas”, uma crítica aos governantes da província de Minas Gerais e aos administradores de Vila Rica. Esta obra satírica foi escrita através de cartas - é uma obra epistolar. Os nomes das pessoas reais que são citadas ou que narram as cartas foram trocados por nomes inventados: o próprio Tomás assina as cartas com o pseudônimo Critilo; Cláudio Manuel da Costa, destinatário das correspondências, é Doroteu, e o governador da capitania de Minas Gerais, Luís da Cunha Menezes, era comumente citado e criticado sob o nome de Fanfarrão Minésio. A obra recebeu o título de “Cartas Chilenas” porque a ação parece se passar no Chile, mas as situações narradas estavam acontecendo em Vila Rica. Note neste trecho que os versos são decassílabos e brancos, ou seja, sem rimas:

Tu sabes, Doroteu, que um tal serviço
Por uma civil morte se reputa.
Que peito, Doroteu, que duro peito
Não que deve ter um chefe, que atormenta
A tantos inocentes por capricho?
Que se arrisque o vassalo na campanha,
É uma digna ação que a pátria exige,
Nem este grande risco nos estraga
O pundonor, que vale mais que a vida;
Antes nos abre as portas, para entrarmos
Nos templos do heroísmo. Sim, nós temos,
Nós temos mil exemplos. Muitos, muitos
Que há séculos, morreram pela pátria,
Na memória dos homens inda vivem.